

Santuários, Peregrinações e Novas Modalidades de Concentrações Humanas nas Práticas Religiosas.

Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros¹

"Vocês que vêm de suas terras distantes do Sul de Alagoas e Pernambuco, dos Brejos da Paraíba, das praias do Rio Grande do Norte e deste Estado, ou dos longínquos sertões do Piauí, Maranhão e Bahia, sofrendo privações, a fome, a sede, o sol e as intempéries dos longos caminhos, tudo por amor a visitar Nossa Senhora das Dores e o Padre Velho do Juazeiro, fiquem certos de que a Mãe de Deus recompensará a todos. E quanto a mim, não acreditem no que propalam dizendo que vou deixar este lugar. Não acreditem, porque o Juazeiro é uma cidade da Mãe de Deus, e ela foi quem me colocou aqui. E nem o Satanás, nem os homens do Satanás têm poder para me tirar desta cidade, a qual só deixarei quando completar a salvação de vocês todos." Padre Cícero Romão Batista, citado por DINIS, M. (1935:34).

O texto em epígrafe introduz, na reflexão que desenvolvemos, a estruturação mitológica e a operacionalidade de um dos mais famosos centros de peregrinações do catolicismo popular no Brasil – *Juazeiro do Norte* – Santuário de N. S. das Dores e do Padre Cícero Romão Batista.

O Juazeiro tem sua singularidade face a todos os centros de visitação religiosa desse país peregrino: os caminhantes e viajantes que para aí se dirigem, diferentemente da devoção de "Nossa Senhora Aparecida" (São Paulo-SP), "Bom Jesus do Matosinho" (Minas Gerais-MG), "São Francisco de Canindé" (Ceará-CE), e tantos outros, procuram, associado aos símbolos criados pela alta hierarquia da Igreja, um "santo" produzido ali mesmo, forjado no fogo das crenças das populações mais pobres do Nordeste.

A convocação feita por um sacerdote suspenso de ordens pelas autoridades eclesásticas, mostra, além de sua insubmissão face a seus superiores, o conhecimento da realidade, das condições de existência de seus interlocutores, além de delimitar, em termos geográficos, o espaço identitário de sua influência. Por outro lado, atraindo para Juazeiro as

populações miseráveis, ele mesmo enumerando o sofrimento desse povo nas longas travessias até aquele santuário, rompe com uma das características do catolicismo popular naquela região, que era a presença de frades e monges pregadores itinerantes, missionando nos arruados, sendo conhecidos e prestigiados como – os missionários.

Em meados do século XIX, os sacerdotes seculares enfrentavam o descrédito do povo, que os identificava com a violência do poder, uma vez que eram, majoritariamente, chefes políticos, homens de muitas posses, com mulher e filiação ilegítimas, comandantes de "cabrueiras" (verdadeiros exércitos de mercenários das armas), levando a desgraça aos paroquianos mais pobres. Eram vistos, enfim, como muito distanciados da própria palavra do Evangelho. Identificados como a Igreja, acarretavam para esta, o descrédito das camadas subalternas, o que a hierarquia procurava atenuar com a presença dos missionários nas "Santas Missões".

A situação de desespero decorrente das freqüentes guerras entre os poderosos, arrastando as populações pobres para a miséria, a orfandade e viuvez, caracteriza o cotidiano dos pobres, o que ainda é agudizado pelo flagelo da seca, que leva milhões, periodicamente, a total estado de *deprivation*.

"Tendo apenas a religião como consolo e esperança de uma vida melhor, muitas correm para as santas missões, realizadas por missionários distantes das disputas locais que envolviam os padres das freguesias. Nesses dias tinha-se a sensação de estar mais perto das promessas do evangelho, quando se congregavam multidões vindas dos mais distantes lugarejos, cidades e fazendas, procurando a palavra de renovação. São pregadores da mesma Igreja, mas com faces diferentes dos chefes políticos, muitos dos quais já não mereciam o respeito de seus paroquianos, necessitando não raras vezes, do uso da força para se imporem." ²

Desde criança, Cícero Romão Batista, de uma família piedosa, freqüentadora de Santas Missões, se identificava com as práticas religiosas das baixas camadas sociais, admirador de um grande missionador do Sertão, o Padre Mestre Ibiapina, que criara a ordem dos beatos e beatas, recrutados entre os mais pobres, para realizar com aquele povo a vivência do evangelho na Terra.

Era uma Igreja sertaneja, expressando, com a linguagem local, a transfiguração materializada do simbolismo católico, operacionalizado como práticas de trabalho, solidariedade, renovação de vida, caridade e vivência de paz e justiça, pregado e vivido como exemplos, por Ibiapina e

seus beatos e beatas. Dessa forma se cristaliza "*a força utópica da religião como transformadora do mundo*".³

Não só Ibiapina, mas seus beatos, durante as últimas cinco décadas do século XIX, cruzaram o sertão de cinco Estados, levando, aos grupos subalternos do Sertão do Nordeste, as novas práticas rituais e plasmadoras de comportamento, de reeducação do povo, orientando-o para a paz e o trabalho.

*"Uma onda de entusiasmo sacode a apatia centenária das populações, impulsionando-as numa direção que levou os mais pobres a se reunirem, sob a palavra de Ibiapina e dos beatos, construindo eles próprios, hospitais, orfanatos, açudes e cemitérios, preenchendo o vazio deixado pelo absentismo do Estado, melhorando a qualidade de vida dessas populações."*⁴

Quando Cícero se ordena padre em 1871, já Ibiapina fora expulso do Ceará pelo primeiro bispo D. Luiz dos Santos, que proíbe também a presença e as práticas dos beatos nas paróquias de sua Diocese. Ele representa a política de romanização da Igreja, vigente na época. Padre Cícero, convidado a celebrar missa num lugarejo inexpressivo – Juazeiro, para aí se muda com a mãe viúva, e irmãs solteiras, não só pelas pressões econômicas que lhe exigem tornar-se capelão em algum lugar que lhe possibilitasse a sobrevivência, mas também o desejo, a vocação de fazer um trabalho apostólico, missionando populações que não dispunham da presença cotidiana de um sacerdote.

Mais tarde, fixado irredutivelmente naquele povoado, o Padre Cícero tornou pública uma explicação para essa permanência: num sonho que tivera, Jesus Cristo entrava cercado de apóstolos, falando com voz estrondosa, sobre os males do mundo e a corrupção dos homens, anunciando castigos e uma nova tentativa de salvação do mundo. Dirigindo-se ao Padre Cícero, apontou uma multidão de miseráveis, falando: "*Você, Cícero, está vendo aquela gente? Tome conta desse povo e fique cuidando de sua salvação!*"

Narrando este sonho, onde Cristo ordenara sua permanência no Juazeiro, legitimava, pela sacralidade, todas as ações presentes e futuras, quando num ato de rebeldia face às ordens eclesiásticas superiores, recusou-se a cumprir a ordem de afastamento do povoado, já então um núcleo de grande concentração de desvalidos que procuravam sua proteção. Começava ali a se formar um polo de atração de miseráveis em busca de um lugar refrigerio. E quanto mais crescia o lugarejo, mais se fortalecia no padre "*a certeza de sua missão junto aos sertanejos pobres e a designação divina de Juazeiro para um dos centros de redenção da humanidade.*"⁵

Ao mesmo tempo, passa a divulgar Nossa Senhora das Dores como grande mãe dos sertanejos, de todos os que sofrem, criando a mítica de Juazeiro como "*a Terra da Mãe de Deus*," "*a Terra da Mãe das Dores*."

Em julho de 1889, anuncia-se no Juazeiro que uma beata, Maria de Araújo, quando recebia das mãos do Pe. Cícero a hóstia, esta se transformava em sangue. Anunciado o prodígio, logo se divulga o grande milagre, que "*aquele era o sangue que Jesus Cristo derramava novamente pela salvação do mundo*." A notícia se espalha com a rapidez e o entusiasmo da fé, atraindo para Juazeiro cristãos de toda parte, desejosos de testemunhar "o milagre", de serem abençoados pelo padre caridoso, santificado diretamente por Deus, sem a mediação do papado.

Conhecedor das notícias, o bispo D. Joaquim intima o padre Cícero a se apresentar à autoridade diocesana, proibindo-lhe a divulgação dos fenômenos, instaurando imediatamente uma comissão de sacerdotes para ajuizar os fatos. Declarando o fenômeno do sangue nas hóstias como não natural, esta comissão é dissolvida, constituindo-se outra que declara a inexistência de milagre. Estava criada a Questão Religiosa de Juazeiro, que acarretaria, pela decisão do padre de não cumprir a ordem de se afastar de sua paróquia, uma série de medidas punitivas, que culminam na suspensão de ordens e proibição de que fosse celebrada missa naquela paróquia.

Recusando-se a se afastar da "Terra da Mãe de Deus", inaugura no sertão o estilo de catolicismo popular de penitência num santuário, terminando assim o nomadismo dos pregadores em busca dos cristãos, passando estes a se deslocarem em busca daquele "Lugar Santo". Estava criado o santuário de devoção que passaria a ser procurado, como expressou em seu testamento, "*até a consumação dos séculos*", pelos seus "romeiros".

Não é objetivo deste trabalho fazer a discussão teórica do fenômeno das romarias, já substancialmente explorada por Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes, no artigo "*As Romarias e o Juazeiro do Padre Cícero*", onde faz o balanço da produção específica sobre o tema. Estudando Riolando Azzi – "*O Catolicismo Popular no Brasil*" (Petrópolis, Vozes, 1978); Pierre Sanchis – "*Romeiros de Ontem e de Hoje – peregrinação e romaria na Bíblia*" (Vozes, 1990); Mário de Souza Martins – "*Canindé, a Caminhada Prometida – um estudo sobre romarias*" – (tese de mestrado em Sociologia, Depto. de Ciências Sociais – UFS, 1983); Diatahy engloba em seu balanço vários autores, no Brasil e na França, ligados às temáticas *romaria e peregrinação*. Dirimindo dúvidas e levantando questões, se não esgota o assunto, autoriza-nos a utilizar estes conceitos como algo dado.⁶

Desde a origem de Juazeiro como Santuário de Peregrinação, os devotos que buscam o consolo da fé no espaço sagrado do "meu Padim",

sob o epíteto de "romeiros" têm sofrido discriminação em expressões múltiplas, desde agressões da polícia e dos ricos da terra (nas lutas contra o Padre Cícero), até à proibição da Igreja, de se batizarem com o nome de Cícero. "Romeiro", significando "analfabeto", "miserável", "fanático", "desordeiro", sempre foi visto como "matuto" pelos habitantes da cidade, hoje finalmente orgulhosos da presença dos "romeiros da Mãe de Deus" na "Meca Brasileira".

Em busca da salvação da alma, da saúde ou dos bens perdidos, fugindo da fome ou de perseguições de todos os matizes, ou apenas vindo louvar "meu padrinho e a Virgem Mãe das Dores", os romeiros chegam aos milhares a Juazeiro nas grandes datas do sistema de crenças naquele santuário: Nossa Senhora das Candeias – *janeiro* ; nascimento do Padre Cícero – *24 de março*; morte do Padre Cícero – *20 de julho*; festa da Mãe das Dores – *15 de setembro*; e festa de Finados – *2 de novembro*.

Muitos romeiros, durante a vida de seu protetor, assentavam-se na "Terra Santa", os mais pobres nas "pontas de rua". Criaram os ranchos (hospedarias para romeiros) e delimitaram, em diferentes espaços da cidade, locais de visitação: a Matriz, a Casa dos Milagres (concentração de ex-votos), o Museu com objetos de uso pessoal, como a cama onde ele morreu. Marcaram-se também espaços fechados, misteriosos, restritos ao "povo da irmandade", como se auto-denominavam os seguidores de movimentos de beatos, como o Caldeirão do Beato José Lourenço.

O próprio Padre Cícero privilegiou a Serra do Horto, nos arredores da cidade, como lugar de meditação e oração. Entendendo este gesto como a sacralização do lugar, romeiros mais ortodoxos, como os penitentes, concentraram naquele espaço pontos de celebrações ritualistas, como a parada à sombra da árvore chamada *tambor*, escolhida pelo Padre para o descanso em rede, considerando-se com poder de cura de doenças o chá de suas folhas. Outras delimitações espaciais foram feitas para celebrações ritualistas que sobreviveram incógnitas para a maioria dos moradores de Juazeiro.

Pela crença do romeiro do Padre Cícero, ser enterrado no Cemitério do Socorro é garantia contra o "fogo do inferno". Rezando na "Igreja do Socorro" onde está o túmulo do Padre Cícero, quem vai ao Juazeiro não deixa de percorrer o "lugar das almas santas", onde cada túmulo iluminado projeta na noite da cidade o brilho da ressurreição.

Na Serra do Horto o Padre Cícero iniciou a construção de uma igreja para a qual os romeiros levavam pedras na cabeça, subindo de joelhos as escarpas pedregosas. Com a distribuição de muitos haveres, o Padre garantiu em testamento a presença dos franciscanos e salesianos na cidade. Estes últimos dinamitaram o esqueleto da construção, colocando os

homens ilustres de Juazeiro *"uma antena de televisão e uma grande estátua na Serra do Horto, nos lugares onde existiu a igreja"* que, segundo os crentes, *"quando fosse toda construída o mundo se acabava."*

A cada avanço do progresso, rituais executados pelos romeiros, como descrita acima, visitar o zoológico deixado pelo Padre, cantar os benditos e o hino feito por eles ao seu protetor, foram desaparecendo. A casa onde o Padre Cícero teve o sonho que determinou o destino das populações pobres de se tornarem romeiras, foi derrubada por um prefeito ansioso para construir um *"estacionamento para caminhões e ônibus de romeiros."*

Impossibilitada de exterminar a crença do povo na santidade do Padre Cícero, e movida pela "missão de catequizar" a gente de Juazeiro, a Igreja se reaproximou dos paroquianos, com o objetivo de domesticar-lhes o "fanatismo" e reconduzi-los ao rebanho de Roma.

Porém foi no Horto que a devoção popular traçou mais indelevelmente sua força ritual, na parte desabitada da serra, no meio da catinga bravia original, onde só se chegava por picadas, ásperos caminhos de pedra. Ali os beatos se reuniam para, como penitentes, fazerem auto-flagelação, cantar benditos, "rezas fortes" e beber a "água milagrosa". No imaginário das crenças populares ali era o "Santo Sepulcro", lugar onde construíram 7 igrejas, uma em cima de cada pedra, demarcando o lugar onde só se chegava de joelhos, em contrita oração.

Percebendo a aproximação daquele sítio religioso, das "ambições progressistas", publiquei um artigo na Folha de Juazeiro de 19/7/1990, sob o título *"Salvemos o Santo Sepulcro"*, onde escrevi...

"Para quem crê, o Juazeiro é um 'lugar santo' – tão santo que perto da 'fonte milagrosa' o beato José da Cruz 'viu' o Santo Sepulcro redivivo. Para muitos um lugar encantado, o Santo Sepulcro está plantado na parte mais agreste da Serra do Horto e se constitui no último sítio histórico de Juazeiro – o único espaço do mundo dos beatos. Só os iniciados conhecem o caminho 'tão longo, tão cheio de pedras e areia', que no túnel do tempo nos mergulha no Juazeiro de Maria de Araújo, no mundo de penitências, no universo do catolicismo popular tão perseguido pela modernidade, pela romanização da Igreja... Nenhum lugar do Juazeiro é tão crença, encantamento-sertão. Nenhum outro espaço sabe ser tão plasticamente fé, esperança e caridade."

Mas a igreja estava atenta procurando "catolicizar" todos os espaços do Juazeiro. Os políticos e intelectuais, "amigos dos romeiros", louvam a importância de sua presença para "a economia regional",

constróem "Memorial Padre Cícero", "Estádio Romeirão"; e se rejubilam com o mais novo projeto urbanístico que lançará o Juazeiro na rota do "turismo religioso".

O vigário, na sua missão catequética, num triste domingo marcou uma "missa comunitária" no Santo Sepulcro. Gloriosamente, cerca de cinco mil pessoas marcharam acabando o mistério do mundo dos beatos com as luzes do ecumenismo romano. Como um exército huno pulverizando a terra, árvores foram derrubadas, as igrejas e as pedras dos caminhos de sacrificio pichadas e defecaram na "fonte milagrosa", que secou. Em 1994 voltei em busca do 'tempo santo' que se havia eternizado no Santo Sepulcro. A desolação da natureza depois de um desastre ecológico me contou do fim das rezas e dos cantos de benditos, substituídos pelas músicas berrantes sopradas de sistemas de som de dezenas de barracas de bebidas e botequins, servindo de trilha sonora para brigas orquestradas de obscenidades e muita violência. Só o vento gemia pelas almas expulsas do paraíso dos penitentes.

Preparando-se para a arrancada do desenvolvimento trazido pelo "turismo religioso", esquecendo-se de que a identidade do "Patriarca do Juazeiro" é com os miseráveis que Deus lhe mandou proteger, constrói-se hotel cinco estrelas, restaurante panorâmico e museu com personagens de cera reproduzindo Padre Cícero e os homens e mulheres que estiveram com ele na missão a que se propôs. Plantado na serra do Horto, servirá de atração de romeiros e de ponto de "reeducação" daquele povo, oportunidade para que "agentes de turismo" lhe ensinem a "não tocar" nos objetos, o que significa o Juazeiro, quem foi o Padre Cícero.

Num relatório que escrevi sobre o projeto de "Revitalização do Horto", perguntei: -

*"Quem saberá ensinar, a quem veio procurar o que sua fé lhe ensinou? O que um burocrata contratado tem a dizer a alguém que ' vive a santidade do Juazeiro?' Será que ninguém entende que este mundo é um universo simbólico, que só tem existência na crença dos romeiros? Alguém já se perguntou por que quem vai à 'Terra do meu Padrinho' tem de tocar o túmulo do Santo? Há que se tocar a cama onde Ele dormiu, pisar o chão que Ele pisou? Olhar as coisas que Ele contemplou nos seus últimos dias na Terra? É toda esta energia que 'revigora' os romeiros vindos de seus lugares de moradia, esvaziadores de vida, para beberem a seiva da virtude, a força que eles crêem terem sido deixada pelo Padre Cícero na terra da Mãe das Dores."*⁷

Notas

¹ Dra. em Ciências Sociais, Professora de Antropologia –Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ –Rio de Janeiro – Brasil

² – BARROS, Luitgarde O.C. – Padre Cícero e a Religião, in: ARRUDA, João e Casimiro, R (org). Anais do Seminário 150 anos de Padre Cícero. Fortaleza, CE: Universidade Federal do Ceará/ADUFC, 1994, p.16

³ Idem, *ibid*, p.17.

⁴ Idem, *ibid*, p.19.

⁵ BEZERRA DE MENEZES, Diatahy – AS Romarias e o Juazeiro do Pe. Cícero, in: ARRUDA, João e Casimiro, R (org). *op.cit*, pp. 7-14.

⁶ BEZERRA DE MENEZES, Diatahy – AS Romarias e o Juazeiro do Pe. Cícero, in: ARRUDA, João e Casimiro, R (org). *op.cit*.

⁷ Relatório encaminhado à Prefeitura de Juazeiro em julho de 1997, publicado no jornal "Opinião" de Juazeiro do Norte, em 11 de agosto de 1999.